

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do Jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

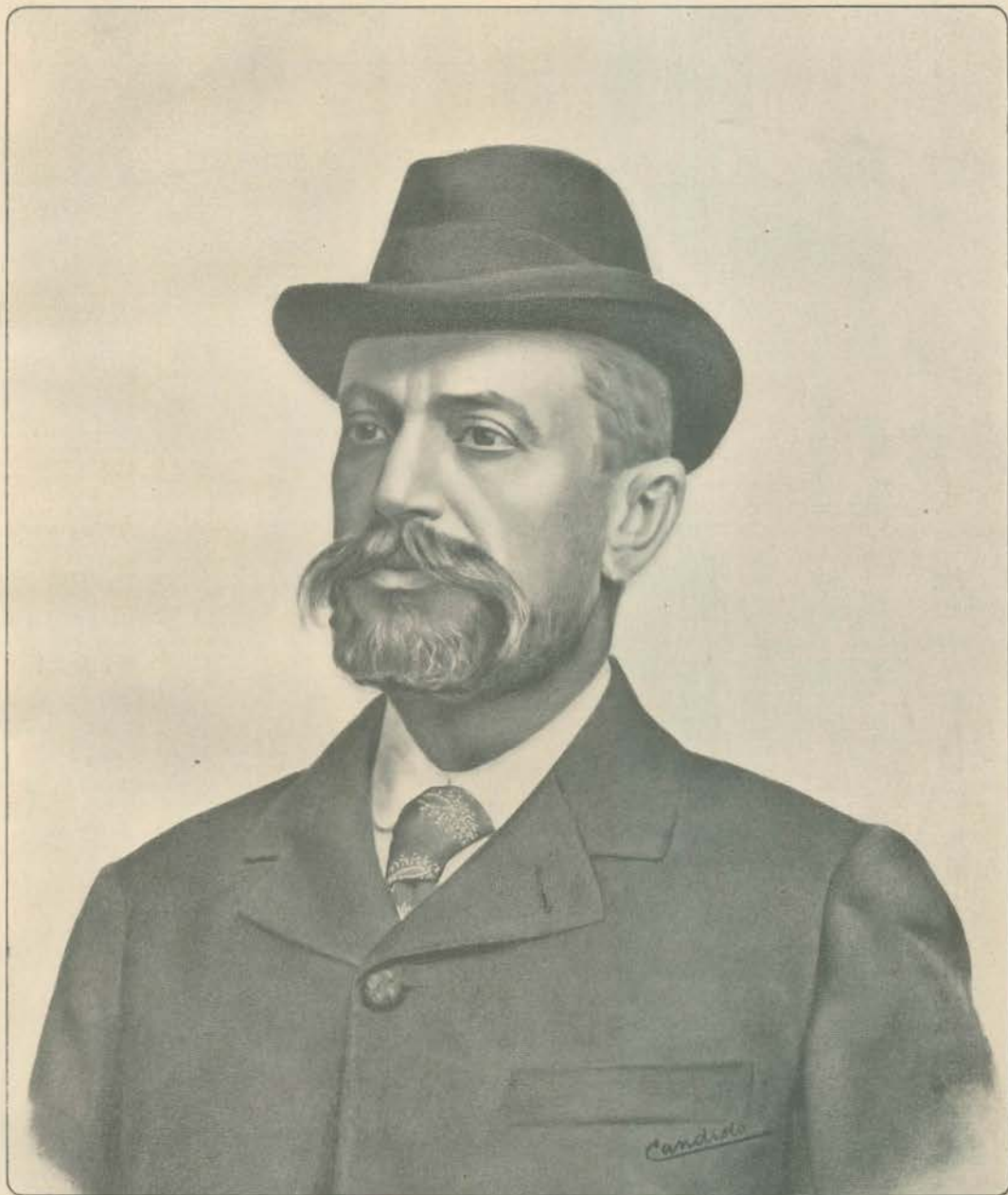
Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço *Illustração Portuguesa*—Lisboa

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 1 DE AGOSTO DE 1904

NUMERO 39



S. A. R. O PRINCIPE DE MONACO

Pertence à casa Grignon de Matignon Grimaldi e nasceu em Paris em 13 de novembro de 1843, e filho do príncipe Carlos III e da senhora condessa de Merode, que reinaram no principado de Monaco. S. A. R. o príncipe Alberto Honorato Carlos é duque de Valentim, marquês de Baux, conde de Carliade, barão de Ruia, senhor de Saint-Remy e de la Luthumière, duque de Estouville, de Mazarino, de Milleraie e de Mayenne, príncipe de Chateau Perrier, conde Ferrette, de Belfort, de Thun, de Rosemont, barão d'Aikirk, senhor de Isenheim e marquês de Gibeaudi.

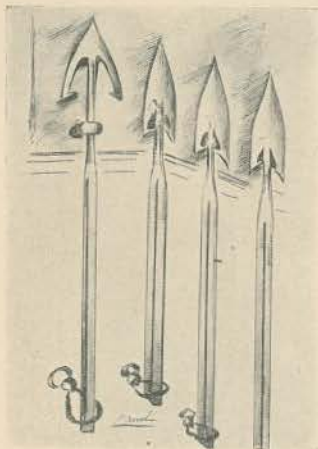
O príncipe tem-se dedicado a trabalhos de oceanographia e criou um dos mais bellos museus

da especialidade em Monaco. Andando successivamente em viagens de exploração por todas as mares em companhia de homens de sciencia, S. A. R. tem recolhido magníficos exemplares de animalculos das grandes profundidades, que são verdadeiras raridades, e sobre as suas descobertas tem enviado magníficas memorias à Academia Franccza, alcançando assim uma grande reputação de sabio. Passado uma vida toda de simplicidade e percorrendo os mares, raramente se encontra em Monaco, sendo um governador geral digno e principado no qual lhe succederá seu filho S. A. R. o príncipe Luiz Honorato Carlos Antonio, que nasceu em Baden Baden a 12 de julho de 1870.

CHRONICA

Promessas e milagres

Ainda é uso ahí para as bandas de Bucellas e n'alguns povoados provincianos collocarem-se as novidades da estação nas mãos dos santos que se passeiam proccionalmente pelas ruas. Assim não é difficil vê-se S. Sebastião trespassado de settas e com uma melancia contra o peito, S. João segurando um cacho d'uvas, que o cordeirinho pareceu cubicar, e ainda S. Francisco, com a sua calva de sapiencia, mostrando ao publico durias de peras pardas. Tudo isto se faz para que as calmas e as tormentas não estraguem as novidades, para que as colheitas sejam boas e para que os lavradores vivam em paz.



APREUS PARA A FESTA DOS CENDELABROS USADOS A BORDO DO «PRINCESS» ALICE»

Nós fazemos as cousas sempre com segunda intenção, damos um para recebermos tres, não sabemos deixar de desejar. E não ha negocio mais rendoso que esses das cousas celestes. Já não falamos no dinheiro de S. Pedro nem o que as obras do sr. Flammarion, que trata o eeu por fóra, tem rendido.

Recordamos apenas a historia d'aquelle soldado devoto da senhora da Soledade o que trazia sempre consigo uma estampa da veneranda imagem. Os camaradas, todos adeptos de Venus, de Marte e de Baco, pagões de pólpá, riam a bom rir do simplicio e faziam-lhe troça. Só o capellão o tratava com carinhos e lhe louvava a conducta.

Certa vez, havendo festa rija, o militar foi posto durante a noite de guarda ao altar da santa e, quando o cabo, com outra praça, veio rendel-o, perguntou-lhe:

— Ha alguma novidade?!

— Sim, senhor... A Nossa Senhora deu-me este cordão...

E mostrou aos collegas um grilhão de ouro e de muitas voltas que elles não quiseram acreditar ter-lhe sido dado.

Preso o homem, foi chamado á presença do coronel, e continuou a affirmar a dadi-va, terminando por dizer:

— Meu coronel, pergunte v. ex. ao nosso capellão se não é crível o que lhe conto...

Como no assumpto só o capellão podia ser auctoridade, foi consultado e ao saber do que se tratava arregalou os olhos, morden os labios e limitou-se a affirmar o milagre feito ao soldado, que com o cordão da santa comprou uma fazenda na terra e mandou ao diabo as corceias e tal-vez a devoção.

Conta-se tambem que certo magnato de nomeada, sendo mordomo d'uma riquissima irmandade, no pedirem-lhe as contas no fim do anno, respondeu com a maxima sinceridade:

— Não tenho...



(Phot. Chassean Flavius Paris) S. A. R. O PRINCFE LUIZ, HERDEIRO DO TRONO DE MONACO, NA CARRUAGEM PARA A QUAL VAE SEGUINDO O SEU PARTICULAR

Houve grande pasmo na confraria, um berreiro do inferno, rebentou uma verdadeira insurreição e elle sempre sereno, de braços cruzados e a sorrir, esperou que o tumulto se acalmasse para poder falar.

Quando chegou o momento, tomou o seu maior apuro e explicou:

— Não tenho, meus irmãos, e devem saber que jáma's menti...

— Mas...

— Esse dinheiro foi-me dado!...

— Dado?!

— Sim, meus senhores, dado...

— Mas, por quem?!

— Pela unica entidade que m'o podia offerrecer...

— Mas quem?... Sabeis que nem el-rei podia dispor de semelhante quantia...

— Apenas vos direi que é meu, porque m'o offerteram...

Diante da insistencia, elle perguntou por sua vez:

— Acreditam em milagres, não é verdade? Acreditam sobretudo nos da



O MUSEU OCEANOGRAPHICO DE MONACO (A FACUADA)

venerandissima imagem da nossa fé?! Pois foi essa benta imagem que me offerceu o seu ouro. Bem sabem que não é este o seu primeiro milagre...

Havendo pois o procedente que os santos costumam dar em ouro o que se lhes offeria em orações, faz bem o devoto povo de Bucellas em offerce-lhes a sua fructa, que seria decreto devolviam em bom dinheiro. Chama-se a isto bilha de leite por bilha de azeite.

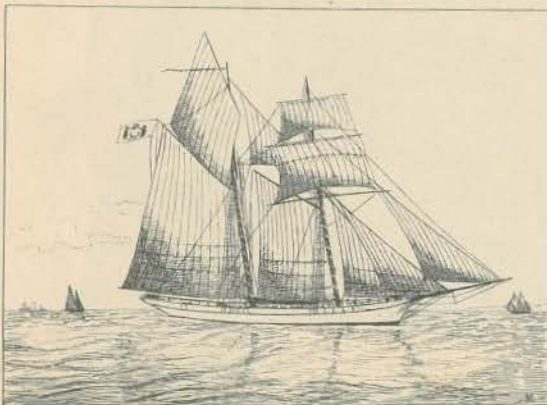
Na China não ha ainda este grau de civilisação e por isso o mandarin Pi-Ching-Fu está a estas horas em talas. Acusado pela imprensa, que nunca está contente, de mil poucas vergonhas e de abusar do poder, enviou a seu pae residente em Pekin uma porção de dinheiro para comprar o governo que furia expulsar o vice-rei da sua provincia, o qual buscava levantar-lhe um processo. Não necessitaram o ouro e o mandarin foi preso na nossa provincia de Macau, onde se refugiara. Ora se Pi-Ching-Fu tivesse um só atomo de civilisação teria procedido d'uma maneira bem diferente.

Enviaria resas e fructas a qualquer dos mil idolos que Confucio manda adorar e estaria agora com os bens augmentados. Isto é: teria a sua bilha de azeite.

E poderia o bom do mandarin resfatar-se ainda em cochins ricos, viver a ser abanado por escravas e servido de joelhos por creadas formosas, em vez de estar na casamata da fortaleza, no escuro, na desolação.

Parece, porém, que achou mau o meio de recorrer aos idolos apesar de ser bom conhecedor dos mysterios do eeu, pois que vive no Celeste Imperio, e concluiu-se d'isto que se Pi-Ching-Fu, o pobre de espirito, fosse lavrador, teria consultado um agronomo e comprado adubos, isto quando ha maneiras bem mais simples de ter boas colheitas, e d'escapar aos ferros da justiça.

ROCHA MARTINS.



O «HIRONDELLE», BARCO EM QUE S. A. R. O SENHOR PRINCFE DE MONACO CONEÇOU AS EXPEDIÇÕES OCEANOGRAPHICAS



O MUSEU OCEANOGRAPHICO DE MONACO (AS TRAZEIRAS)



O ALMIRANTE JAPONÊZ KAMINURA, QUE ATACOU A ESQUADRA DE VLADIVOSTOK



KRUGER COM SUA ESPOSA EM 1890



A RATIFICAÇÃO DO JURAMENTO DOS RECRUTAS NO REGIMENTO DE INFANTARIA 2 EM 24 DE JULHO

O juramento dos recrutas é sempre uma cerimonia imponente. Ali, diante d'aquelle apparatus do regimento formado, em face do coronel e do capellão, os novos soldados abatem a mão para a bandeira e juram defender o rei, a patria e a religião, e ficam assim ligados pela sua palavra de homens de honra a familia militar e a nação de que são filhos.

No regimento de infantaria 2 realizou-se essa cerimonia após a benção da bandeira, que se effectuou na igreja de Santos-o-Velho. A meio do templo, onde o sol entrava pelas vitraes, o regimento ajelhará, tambem de joelhos, junto ao altar-mór, e sr. coronel Beça recebeu a bandeira da

mão do capellão, reverenda Miguel. A banda tocava a *Misericordia* de Gionani e havia como um embelezamento em todos os momentos, ali, diante d'esse sacerdote que entregava sagrada a bandeira da patria nos braços do commandante, reverente e ajoelhado.

No quartel, quando os recrutas estenderam as mãos no seu juramento, glorificados n'um banho de luz, os assistentes descobriam-se respeitosa e durante alguns momentos fez-se um silencio. Tocaram as cornetas, apresentaram-se as armas a insignia da patria e assim terminou aquella festa em que se sagrou essa bandeira mil vezes gloriosa e que os novos soldados continuarão a honrar.



DR. HYGINO DE SOUSA

(Phot. tirada em 1896)

Morreu Hygino de Sousa. É uma grande perda para a sciencia e o passamento do illustre lente da Escola Medica, que foi tambem um grande jornalista nos tempos calamitosos de 1889, apes o *ultramaria*. Com um grupo de rapazes entusiastas e devotos dos ideos avancados, Hygino de Sousa fundou a *Patria*, que foi um jornal brilhante e um ensaio precioso da mocidade do entao. O conhecido medico era natural de Barrancos (Alentejo) e nasceu em 11 de janeiro de 1852. Defendeu these em 27 de julho de 1880 tomando por assumpto o *Suicidio*, que estudou sob as suas determinantes pathologicas, e em 1891 fez o seu concurso para lente substituto da secção medica da Escola Medica de Lisboa, sendo a sua thesa *A Iria*. Era director da enfermaria Souza Martins do hospital de S. José e director da consulta externa d'ophthalmologia do mesmo hospital.

Succumbiu a tuberculose mesenterica. Com a maxima coragem deixou-se operar pelos seus collegas que cousa alguma poderiam fazer, em virtude dos tuberculos terem minado quasi por completo os intestinos. E com 42 annos falleceu este homem illustre, de quem muito se esperava ainda no campo da sciencia onde brilhantemente se affirmara.

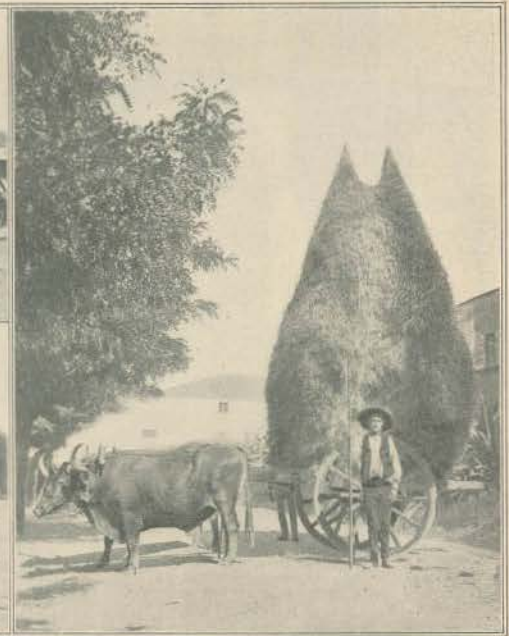


O COESEL DE SPHAIS BEN DAUOD

É d'Oran, mas estudou em Saint Cyr, na escola militar de França, e teve por condiscipulos quasi todos os generaes francezes da actualidade. Proprietario riquissimo, realisa prodigiosos cultos de ML e uma Naimis e veste ricos costumes arabes, que são thesoros. Fez a campanha de Algeria com SS. AA. III. os duques d'Anjou e de Orleans, lio de S. M. a rainha senhora D. Amelia, e viu a Portugal unicamente para visitar SS. MM., a quem trouxe valiosos presentes. Quando S. M. a rainha senhora D. Amelia esteve em Oran, o coronel Ben Daoud offerceu a S. M. uma feia magnificencia na sua propriedade de Sadi Merifa, festa que foi um successo e uma maravilha.

Esteve hospedado no Avenida Palace e durante alguns dias no hotel Nette em Clutra, e foi recebido por SS. MM. no palacio da Pena, sendo-lhe offerecido um almoo. É grande official da Legião de Honra e tem ordens militares de quasi todos os paizes, juntado agora ás suas numerosas condecorações a de S. Bento d'Aviz, que S. M. el-rei lhe concedeu.

O coronel Ben Daoud deixou Portugal agradavelmente impressionado com as belezas de Clutra e com o acolhimento gentilissimo de SS. MM.



O CONCURSO DE DEBULHADORAS EM EVORA

UMA MACHINA DE DEBULHAR—OUTRA MACHINA DE DEBULHAR—CARRADA DO PREZO DE 1728 KILOS PERTENCENTE AO SR. DR. FRANCISCO BARABONA FRAGOSO

(Phot. do sr. Rómulo Ramalho)

O conselho districtal d'agricultura de Evora fez realisar um concurso de debulhadoras, no intuito de simplificar os trabalhos do campo e obter grandes resultados com a maxima rapidez e economia. Foram tres os concorrentes, trabalhando as machinas na debulha do trigo e trituração da palha.

O processo é engenhoso e já conhecido, sendo no estado puro de agrada dos mecos larradores, que preferem mandar fazer essas larras a *rubas de bor*. É a velha usança que dá o pittoresco á sira, que dá um cunho caracteristico, e apesar das autoridades no assumpto imporem mais ou menos a machina é certo que ella não é bem accetida pelos agricultores.



A FRAGATA «D. FERNANDO».

A FRAGATA «D. FERNANDO»—FABRICAÇÃO 1900 COM UMA PEÇA 120MM—CABELOTADO UMA PEÇA 60MM—OS OFFICIAES SUPERIORES JUNTOS A EM CADERO ARRIBADO—A ANTECAMARA DO COMANDANTE—OS OFFICIAES DO NAVIO DEB. 1.º TENENTE VICTORIO HERNANDES DA COSTA, CAPITÃO JOSE MARIA FERREIRA, 2.º TENENTE JOSE AUGUSTO DA COSTA BRAGA, DR. FELIX BORDADO DE BARROS, 1.º TYPHEUT ANTONIO RUYDO DO SACRAMENTO FIGUE, COMANDANTE MANUEL ANTONIO DE SOUZA, CAPITÃO DE FRAGATA ERIVANO AUGUSTO SACRES FERREIRA 2.º COMANDANTE, CAPITÃO DE MAR E GUERRA CARLOS AUGUSTO SCHULTZ XAVIER 1.º COMANDANTE, CAPITÃO PRESENTE MANUEL EDUARDO CORREIA—CAMARA DO COMANDANTE—FAZENDO PORTARIA COM UMA PEÇA ARRIBADO—A GUARDIÇÃO

É escola pratica de artilharia naval e encontram-se ali em frente da Prazeria fazendo os seus exercicios de fogo. Dirigida por officiaes habilitados e de mais distintos da nossa armada, a escola d'artilharia naval tem prestado magnificos servicos. Durante o anno são ministradas ás praças de marinhagem as instruções theoreticas e por fim realisa-se os exercicios, onde cada um mostra o seu grau de aproveitamento. Acabado o tirocio a bordo da fragata D. Fernando e dados os atilheiros promptos para o serviço, são distribuidos pelos outros navios de guerra ao passo que

seus marinheiros destinados nos servicos de artilharia são entrado na fragata que tem magnificos servicos de alojamento, além de numerosos aparelhos para o ensino. As praças de artilharia naval distinguem-se por usarem duas peças cruzadas e bordadas a vermelho nas mangas. É actualmente comandante da fragata D. Fernando o sr. capitão de mar e guerra Schultz Xavier, tendo por immediato o sr. capitão de fragata Fronteira, dedicando-se estes dois officiaes com toda a boa vontade e proficiência ao ensino dos artilheiros de marinha de guerra portuguezas.

AS EXPEDIÇÕES OCEANOGRAPHICAS

DE

S. A. R. o senhor principe de Monaco



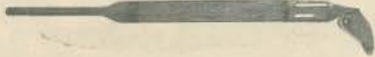
AS ARMAS DE MONACO

BORDO do lindissimo yacht *Princesse Alice*, que tem meteos refulgentes e um toldo branco como linho, visitamos, por essa tarde de calma e céu azul, as installações d'esse principe que é um sabio e vem dos Grimaldi.

Como um phœnix nascido d'aquelles que fundaram Monaco e que nas suas goletas se aventuravam quasi sem rumo e sem norte, ao acaso das descobertas, o principe n'uma ancia de colher exemplares das grandes

profundidades maritimas para o seu museo vai tambem ao acaso por esses mares, visita as regiões antarcticas, fundea aqui, para ir navegar de novo, e assim passa a vida no recanto sumptuoso do seu gabinete ou no espaço breve do seu laboratorio, na tolda do seu yacht lançando as redes e osapparehos, ou no recolhimento da sua alcovita a soccegar.

E vai por esses mares fóra, sob o céu luminoso do Mediterraneo ou sob as turbidas atmosferas de Spitzberg, passeia-se hoje sobre as aguas calmas como bombetas, para se arcarivar amarrã nos mares tomboiros e de surpresa, mares que gelam e prendem as embarcações em grandes muralhas de neve forte, azulada e vitrea.



APPARELHO PARA RECOLHER AMOSTRAS NAS GRANDES PROFUNDIDADES

Sabiamos tudo isto quando chegámos a bordo do *Princesse Alice* por essa hora de sol e de paz. Vain recolher nos mr. Carr, o commandante, com o seu sorriso amavel e o seu ar despretençioso, e com elle os mrs. drs. Hergessell e Richard, este ultimo o grande collaborador de S. A., e bem assim o secretario particular mr. Adolpho Fuhremeister, muito vivo, risonho e que se presta com todos os outros cavalheiros a fornecerem explicações.

Marinheiros fortes, sadios, com as suas camisolhas brancas e os seus bonets de serviço, todos tostados e todos carpulentos, perfilavam-se lá ao fim, á proa, n'um grupo sob o toldo alvô que é de linho e não tem uma ruga na olympica serenidade da tarde luminosa. Comçamos então a indagar d'essa laboriosa vida sobre as ondas em todos aquelles sabios e tantos marinheiros e sabemos logo que á lem simples a vida de bordo com esse principe retuante, o qual dedica a sua vida a descobrir os segredos dos mares, trazer á luz as vidas mysteriosas que lá palpita a grandes profundidades,



MRS. OS MRS. RICHARD E FORTIER COLLABORADORES DE S. A. R.

todo afeito á sciencia e deixando por ella o seu palacio maravilhoso que é fronteiro com o mar e tem regalos sem par d'esse bellissimo canto da terra onde a vegetação é luxuriante e perfumes sahem da terra matizada de flores dos.

Monte Carlo até á ponta de S. Martin, que avança ousadamente pelo Mediterraneo.

Entramos nos aposentos do commandante, magnificamente mobilados, com os seus cortinados e os seus estofos, com as suas panoplias de caçuetas e d'armas cinzeladas, os seus cachimbos requetizados, pelos quaes é agradável fumar ao balanco do barco, á luz das estrellas, asombrosas na bandeira branca com as armas de Monaco que se ostenta altiva e imponente no mastro da ré.

Está-se á vontade, fala-se como com antigos conhecimentos e tomam-se apontamentos ligeros para a historia do principe que se dedica a tão arduas tarefas, todo devotado á sciencia e fazendo d'ella um sacerdotio.



O COMMANDANTE DO «PRINCESSE ALICE» MR. CARR COM O PARTICULAR DE S. A. R. MR. FUREMEISTER

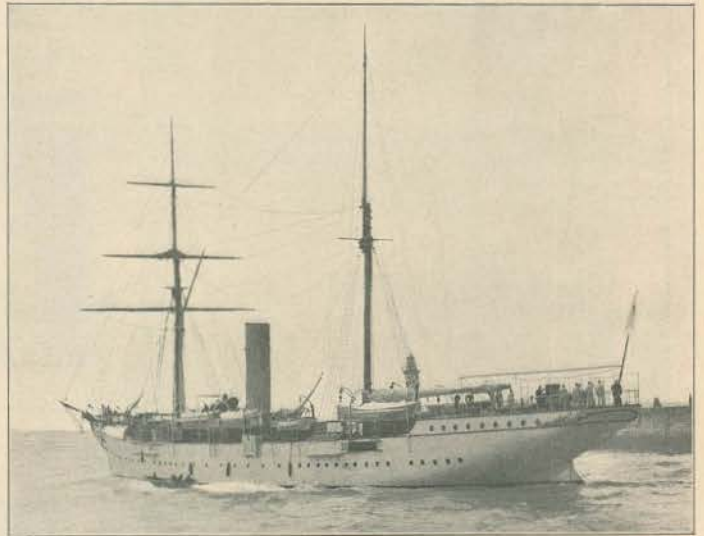
O primeiro barco do principe de Monaco foi o *Hiro-delle*, embarcação de vela, e que partiu de Lorient em julho de 1883 e voltou em setembro, depois d'atravessar o golfo da Gasconha e de se deter nos Açores para de seguida percorrer o Gulf Stream em experiencias, nas quaes foi S. A. R. confundido pelo professor Pouchet.

Em 1886 vai á Belle Isle, á Gironda, dobra os cabos Peña e Finisterra e faz experiencias de sonda até 510 metros de profundidade.

Assim continuou durante os annos de 1887-88 até 1890, fazendo sempre os seus trabalhos, lançando barquinhas, inventando delicados apparehos de fios de ferro para recolher os animalculos mais inferiores nas maximas profundidades, exemplares da fauna maritima que são cegos e outros de infinitas antenas que só por milagre não se quebram nos atrictos da vegetação submarina, redes para polypos exóticos e refolhudos, de feitios bizarros e corpos breves, a aperfeiçoar instrumentos para sondagens, na lucia de todos os dias, com os seus ajudantes e com os seus marinheiros n'uma

peregrinação equal á dos velhos descobridores de mundos que iam pelos mares adiante cheitos da sua crença, contraçados de inalteravel fé.

Apprendendo tudo isto, chegamos ao quarto de S. A.



O YACHT «PRINCESSE ALICE»

R., um espaço preenchido pelo largo leito, todo simplicidade e bom gosto, com o seu pratas de prata suspensão do tecto e que desce para lhe depor sobre o leito os objectos do seu uso.

Pelas paredes ha photographias, trechos de paisagens, regiões de gelos, de cima vem as passadas de marinheiros, pelas vizias entram infadas d'ar, rompem manchas de sol, o o secretario de S. A. convida-nos a passar ao laboratorio.

E' ali n'aquelle recanto que se fazem as dissecações e as analyses e é all meo que ouvimos a narrativa da fundação do Museu Oceanographic de Monaco, talvez melhor que o de Paris, no dizer dos entendidos, e cuja primeira pedra foi lançada a 25 de abril de 1890. O Museu é obra de mr. Delofortie e n'elle se empregaram materiais proprios para resistirem á acção das aguas na parte do aquario que é magnifico e todo dividido para conter as differentes especies de animaes.

A sala symetrica com o aquario é destinada ás exposições de esqueletos de exemplares que não se podem conservar em liquidos, por causa do seu tamanho, como varios cetaceos apañados nas diversas excurões. Por cima fica o espaço para a bibliotheca, que é numerosa e soberba, na ala oeste as salas d'armazenagem e preparação, salas das photographias e os gabinetes de traba-



MR. DR. HERGESSELL



OUTRO ASPECTO DOS APOSENTOS DO COMMANDANTE

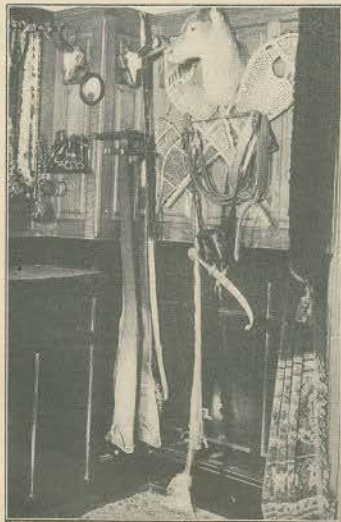
lio destinados aos estudos e também os laboratórios. Sempre conversando vemos os diversos aparelhos, os arpes e as sondas, alguns animalculos extranhos para os profanos e mostram-nos uma medusa pescada a 1500 metros de profundidade, gelatinosa e grossa, miropoda e que fluctua n'um frasco largo.

E' mr. Richard com um ar affavel quem nos offerece alguns livros sobre oceanographia e ao mesmo tempo ouvimos como S. A. R. foi ás regiões antarcticas e que trabalhos lá realison.

Em 1890 o capitão de fragata mr. Guernez acompanha o príncipe com o dr. Richard e mais alguns individuos até ás regiões do norte de Spitzberg. Ali levantaram plantas e tiraram photographias e foi descoberto um grande lago que S. A. baptisou com o nome do Richard. Fica ao leste da bahia de Red e separa o massico do cabo Biscayer da terra firme. Uma observação interessante se fez nas margens do lago, então geladas.

Os gelos impellidos pelos ventos amontoaram-se e n'uma só noite fizeram como uma torre para mais de dois metros d'altura e que era como grandes pyramides formando naturaes barreiros que defendiam as aguas.

De observação em observação descobriram mais geoleiros e a um d'elles deram o nome de Princesa Alice,



OUTRO ASPECTO DOS APOSENTOS DO COMMANDANTE

Acharam tambem animaes só d'aquellas regiões que recolheram com algumas phocas, nas quaes o dr. Portier fez curiosas experiencias, chegando á conclusão de que a camada gordá que envolve estes animaes serve apenas para os aquecer e não é nua reserva nutritiva.

A nossa vista elles evocavam esses tempos em Spitzberg, regiões de gelos e de montanhas eguaes a Alpes todos nevados e pareciamos vêr, ante a descripção, os mares sem fim, immensos e sem uma vela, a quebrarem-se em gelos altaneiros e eternos.

N'essas viagens pelas inexploradas regiões recolheram amostras das rochas, dos mineraes, da flora e acharam numerosos fragmentos de hulha.

Seguem-se então explicações que annotamos no livro que nos dão, falam com grande numero de termos scientificos, apresentam-nos alguns ricos exemplares da collecção e acaba-se pelos coteceos que tem appoato por esses mares, apanhando muitos nos Açores e alguns perto de Monaco.

Mostramos arpes, cabos, apparelhos que fustilam ao sol na passagem para a casa de jantar onde resplandecem crystaes e centros de mosa, onde ha flores e louças caras, baiyella e cadeiras lavradas: os nossos hospedeiros falam ainda da memoria da quinta campanha scientifica feita por S. A. e que foi enviada ao Instituto de França; e á volta são sempre as descripções dos trabalhos no mar, a faina, a fadiga, a paciencia e a dedicação sem igual d'esse príncipe neto dos Grimaldi que no seculo X tomaram Monaco aos arabes e que, podendo viver socegado no seu palacio, diante das aguas quejas, prefere aventurar-se pelo mar no desajo de encher o Museu de Monaco dos mais raros exemplares da fauna marinha. Já se estão nos na tolda, á sombra, olhando os marinheiros bretoes rudes e tostados que conversam, e ouvindo ainda alguns pormenores das regiões dos gelos em face da cidade chapada de luz e agradecidos por tanta amabilidade.

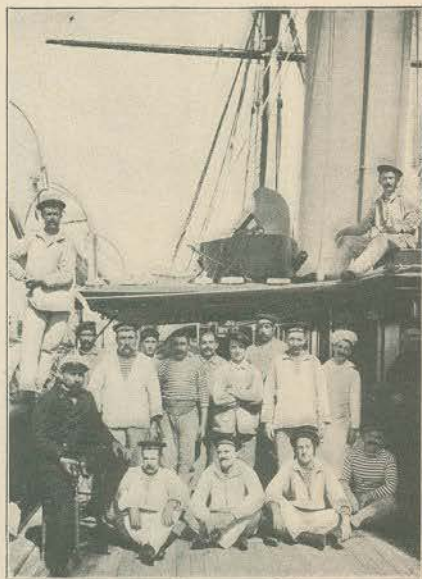


UM ASPECTO DOS APOSENTOS DO COMMANDANTE DO «PRINCESSE ALICE»

Sabemos então que durante as campanhas tanto da *Hirondelle* como da *Princesse Alice* os *yachts* foram com-mandados pelo proprio príncipe, que ao mesmo tempo dirigia as explorações scientificas.

Primeiro e até 1891 mr. Grené e depois mr. Carr secundavam S. A. no commando. Mr. Jules Guerne desde 1886 a 1894 esteve encarregado dos trabalhos zoologicos e mr. Richard que era addido ao laboratorio tornou-se chefe em 1895. Alem d'estes senhores tambem tem auxiliado S. A. R. mr. Lallier como zoologo, mrs. Neuville e Portier como preparadores e em 1887 mr. Pouchel acompanhou o príncipe.

Vê-se pois como estas expedições tem sido apreciadas e como os seus resultados praticos, são deveras importantes, são augmentaram o numero de S. A. R. o senhor príncipe de Monaco das especies consideradas



OS MARINHEIROS DO «PRINCESSE ALICE»

até aqui como existentes apenas no Mediterraneo, e a fama dos Açores foi enriquecida d'um grande numero de exemplares que não eram conhecidos senão nas regiões orientaes e occidentaes do Atlantico, isto alem de muitas outras conclusões que são os individuos da especialidade saberão apreciar.

Agradecemos todas estas informações, saudamos os nossos amabilissimos hospedes d'alguns momentos e des-cemos para o bote. Ia a cahir á tarde, refugiamos as vidraças na cidade e á força de remos deixamos o *Princesse Alice*.

A alguma distancia avista-se um escaler a vapor que traz o pavilhão de Monaco e vemos sob o toldo á ré, vestido de claro, um homem de barba cerrada e de bellos olhos meridionaes. E' sua alteza real o príncipe de Monaco. Sandado-o; retrubno como admirado o cumprimento e o escaler na força da caldeira, a revolver a agua, afasta-se pennachado fumo claro em direcção ao *yacht* que na sua branquidão, sereno e elegante, é como um palacio fluctuante onde um soberano vive entregue á sciencia e muito longe da politica, entre marinheiros rudes que o adoram e com sabios profundos que o respeitam.

E no entanto o lindo barco parece mais feito para as viagens nas aguas mansas e azues sob seus estrellados em noites de primavera, que para essas travessias do Spitzberg dos gelos e das montanhas azuladas e pelos mares sem fim e sem uma ponta de vela a apparecer in-



O BATOMETRO INVENÇÃO DE S. A. R. O SENHOR PRINCEPE DE MONACO



APARELHO PARA CONHECER A TEMPERATURA DA AGUA EM TODAS AS PROFUNDIDADES. INVENÇÃO DO DR. RICHARD

maculada na superficie das suas aguas de tração e de surprises. Partimos sempre com essa impressão, voltámos para terra e cá do Aterro ainda olhamos o *yacht* a baloucar-se, o barquinho claro que todos dirão ser um ninho de noivos ciosos que quizoram viver longe do mundo sob o céu azul e sobre as azues aguas.



Após as primeiras campanhas feitas a bordo do *Hirondelle*, S. A. H., levado, por uma verdadeira paixão para este campo de descobertas científicas, começou as suas observações propriamente de zoologia no *Princesse Alice*. Esse bello yacht, que já é celebre pelos importantes trabalhos realizados durante muito tempo a seu bordo tem, prosorrido os mares e já foi gô Spitzberg. Nesta viagem ao Tejo, S. A. foi acompanhado pelo seu secretário, pelo dr. Richard, chefe do laboratório, pelo dr. Joubin, conservador do Museu, e também pelo dr. Hergesell, que se encarrega de diversos tra-

AS EXPEDIÇÕES OCEANOGRÁFICAS DE S. A. H. O SENHOR PRINCEPE DE MONACO—O LANÇAMENTO D'UM 'PAPAGAIO' A BORDO DO 'PRINCESSSE ALICE'.
 balhos zoológicos. Durante o tempo que S. A. H. esteve no nosso porto visitou todos os dias S. M. o rei e o senhor D. Carlos, cujos trabalhos de oceanographia mereceram justissimos louvores da parte do príncipe de Monaco.
 Muito ligado a el rei, amigo devotado de Portugal, cujas aguas visita a minhó, S. A. H. o príncipe de Monaco é sempre um hospede querido. Tem feito verdadeiras estações nos Açores e ao mundo científico tem mostrado as diversas riquezas da fauna marítima d'aquella região.
 O yacht de S. A. H. salta do Tejo em 11 de julho em direção da Canárias, levando junto outraquena em diferentes pontos do oceano e pelo caminho foram lançando alguns papagaios que são fabricados em pano e ligados por uma corda a um aparelho que em baixo marca as velocidades do vento.
 D'estas observações fará S. A. como de costume, um relatório para ser publicado em Paris, no proximo mez d'outubro, onde costuma residir durante o inverno.

Em 11 de agosto deve o *Princesse Alice* chegar aos Açores, onde se demorará algum tempo, voltando de novo ao Tejo na proxima primavera.
 A vida de S. A. H. a bordo é d'uma grande simplicidade, vivendo mais como homem de mar e como sabido de que como príncipe reinante. O seu nome de familia já lhe illustre pelos seus antepassados está agora engrandecido d'uma nova areola conquistada pela sciencia a que o príncipe tem dedicado a sua existencia.



A FEIRA DE LOURES EM 24 DE JULHO

O THEATRO DAS VARIEDADES—COMPRA DE CESTOS—UTENSÍLIOS AGRÍCOLAS—UMA VARA DE PORCOS NA FEIRA—A CARROÇA DO VINHO—UMA TRANSAÇÃO
—OS LOGARES DA LOUCA—UM ASPECTO DA FEIRA

Nada mais pittoresco que uma feira do arrabalde, pelo variado dos trajes, pelo estranho das figuras, pela balbúrdia e pela singularidade dos tipos. Os elegantes vêm com as suas manhas, os compradores poucos de lá atrás, o vinho corre a todos, nas barracas espelham os dicheiros e ao recanto da feira ha um berreiro continua de voz, uma algazarra, nu verdadeiro pandemônio. Armava-se um theatro em cujo varandim mulhercinhas derramadas sopravam instrumentos diante de povões embalsaçados, n'outros pontos appareciam grandes hettreiros annunciando phenomenos, mendigos vuchlam as estradas e os carros despejavam sempre gente que vinha do passeio, enquanto em carrimpanas exultantes e montado cavallitos egellos os compradores chegavam.

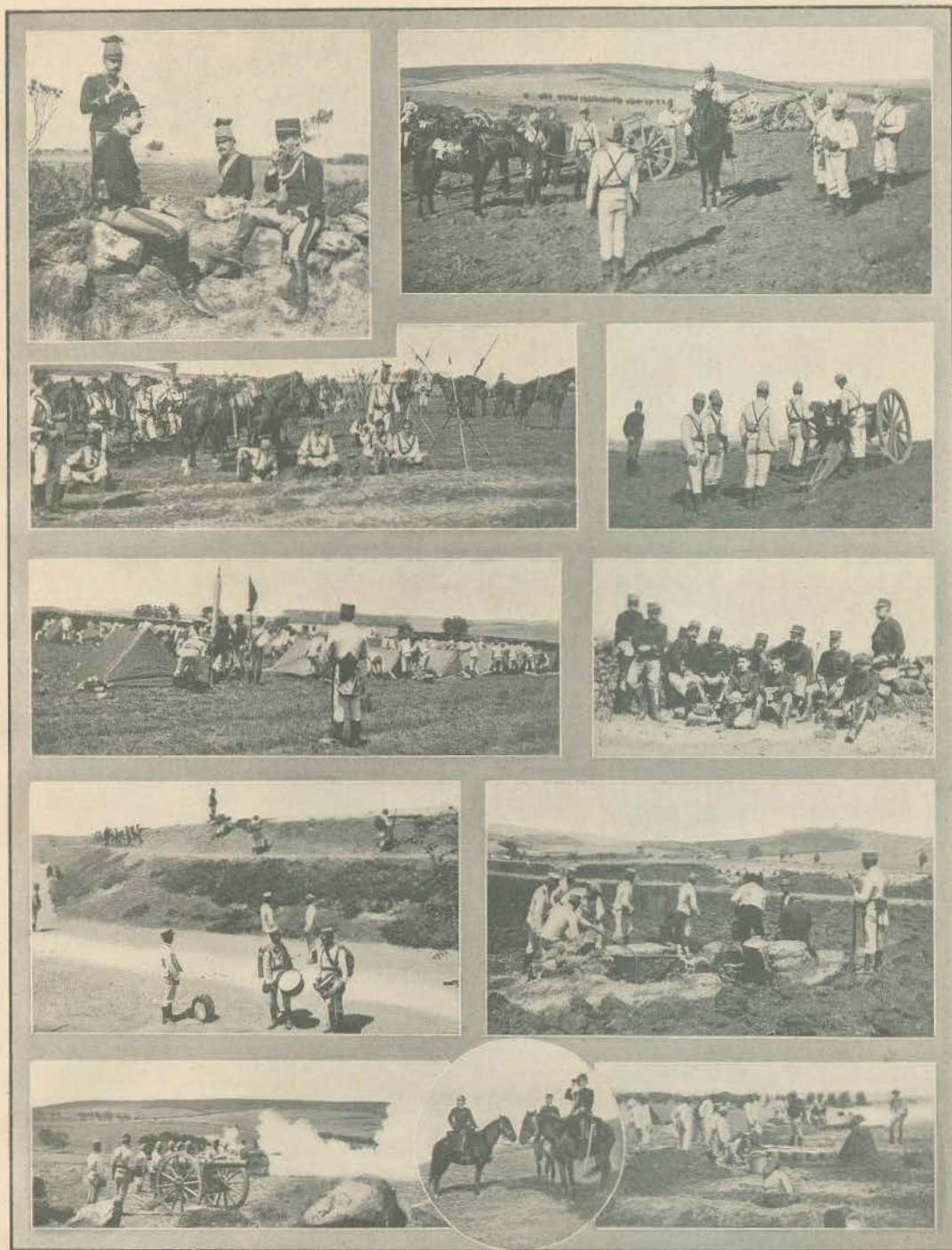
Concorreu muita gente das immediações assim como lavradores de longe que vinham para transaccionarem as crises do anno e para se fornecerem de diversos utensillos do layoura.

Durou até á noite a feira, havendo apenas desaguados de pouca monta e fazendo-se regulares agosellos.

Nó se signas se retiraram desanimados, praguejando e dando ao demonio o trabalho que ti

veram em condiale á feira mágras animarias que não encontraram com prador.

Mas na estrada, com um bando alegre de mulheres, já quentes pelas libações, riam e cantavam á luz da lua que rompia, apesar de não lhes correr bem o negocio n'essa feira de Loures.



OS EXAMES PARA O GENERALATO EM 23 DE JULHO

OFFICIAES MEBERARIOS—ARTILHARIA 1 EM DESEJO—BIVACIO DE LANCHEIRS—TOMANDO POSIÇÃO—BIVACIO DO 16º DO CASAL DA BARRA—DE OFFICIAES DO 16º—INFANTARIA NA DEFESA DO CAMPO ESTRICHOEIRADO—CONDICION D'ÁGUA PARA O ACAMPAMENTO—FOGO SOBRE A INFANTARIA—O SR. CORONEL DUVAL TELLES EM OBSERVAÇÃO NO MONTE DE CARENQUE—AS CANTINAS

Os exercicios realtaram-se para tirocinio dos srs. coronéis de engenharia Duval Telles e de artilharia Vasconcellos e Sá. Pelas 2 da madrugada as forças sahiram dos quartéis e foram reantr-se ás 4 em Queluz. Vieram chegando a secção de artilharia, dois pelotões de cavallaria e duas companhias de caçadores. Estabeleceram-se logo os postos avançados compostos pelos batalhões de infantaria 5 e por um esquadrião de lanceiros, que ficaram entre o casal do Brandão e o casal d'Adaltes. A brigada mista era composta pelos batalhões dos regimentos de infantaria 1, 2, 5 e 16, 2 baterias de artilharia 1 e 2 esquadriões de lanceiros. Consecraram os exercicios de romper da manhã. N'uma linha oscura o inimigo veio pela estrada de Bellas direito a Carenque atirando fogo a brigada e a artilharia fez fogo do alto do moineiro da Atalaya, onde se collocara; como os

postos fossem desviados contra o corpo do exercito, as duas artilharias atacaram-se, ao mesmo tempo que a infantaria vinha pela linha de Cernaxide-Forcalhota atirando do alto a brigada, chegando a tomar o canal de Bavel, ao desalojar a forte que guardava o ponto de Belleira, occupando-o desde logo, enquanto as forças atacavam a infantaria que ia em fuga, se abandonou o seu posto agora tomado pelo inimigo. O Banco de cavallaria inimiga foi atacado p. cavallaria 2 pelas 11 horas da manhã, quando o sol escahiava e os regimentos estavam campados. Os soldados bivacaram e fogueiras distribuídas a fardo. Os srs. coronéis Duval Telles e Vasconcellos e Sá fizeram a demonstração dos seus planos diante do jury, composto pelos srs. Silveira Ramos, Honorato de Mendonça e Kuckembuch dos Prazeres.

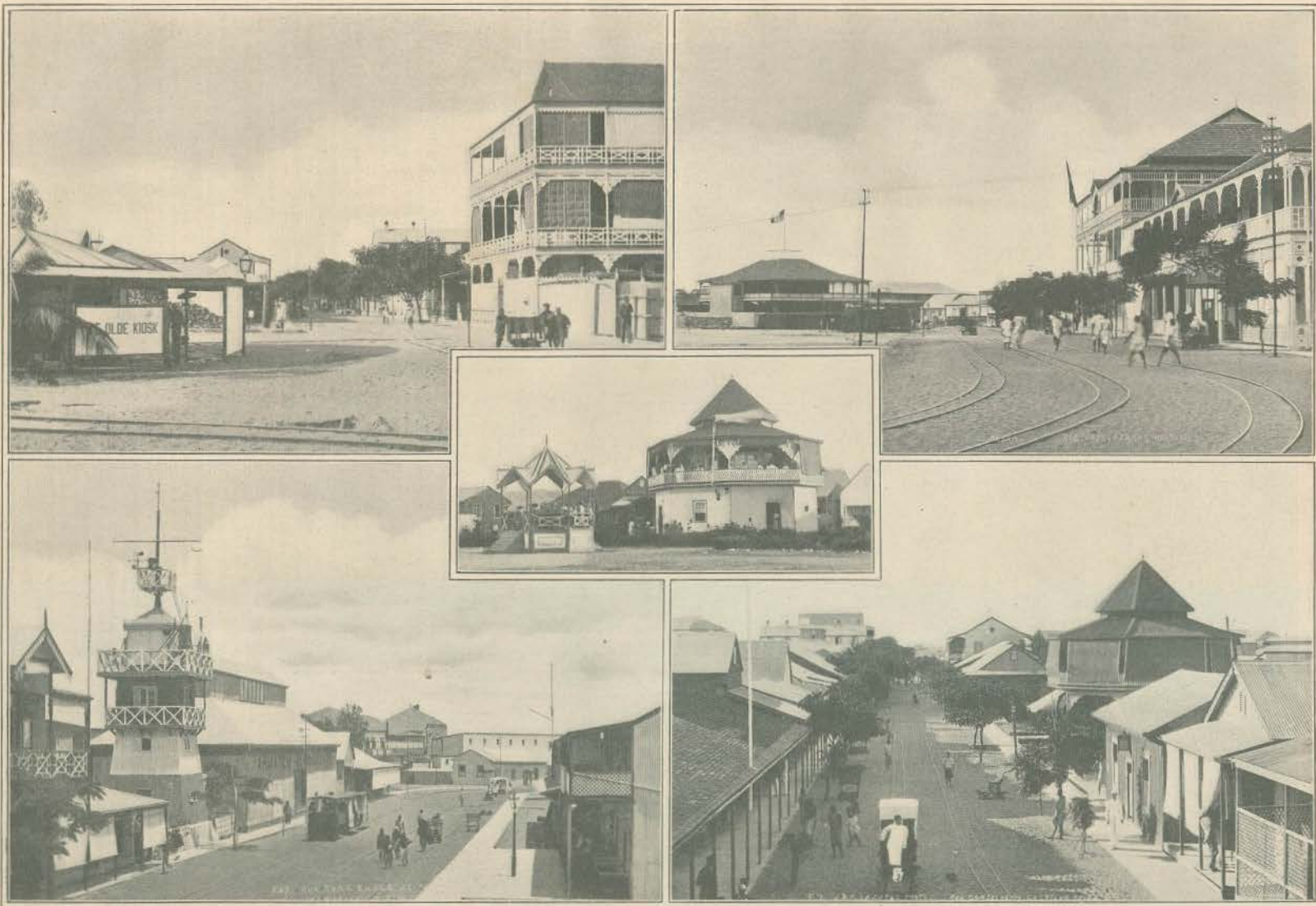


O COMBATE ENTRE UM TIGRE E UM TOURO NA PRAÇA DE SAN SEBASTIAN (HESPAÑIA)

O espectáculo fôra annunciado com grande antecedencia e com um reclamo enorme e attractivo a primeira sociedade madrileña que se encontra n'aquella estacão. Devia ser uma coisa sensacional esse combate entre duas feras dentro da jaula larga e em frente dos espectadores: seria como uma evocação da Roma ha-bitada, um singular encontro sobre o qual se tinham feito apostas valiosas. Depois o

primeiro assalto, os dois animaes encontraram-se raiosamente, o tigre em saltos, o touro de cabeça baixa, buscando estripar o inimigo. A pacca era aturada por gritos entusiastas dos espectadores, reventavam applausos e por fim o tigre ferido era recolhido. De novo os espectadores sedentos de novas combates, acobras e homens, de pé, pediam a renovação do combate, o que se fez. As duas feras, mais excitadas, correram uma para a outra e com vic-

lencia estranha foram contra as grades da jaula, que cederam, entrando os animaes no recinto. Houve então um panico, comecou a fuga dos espectadores, a dobanda-da, e os miquiotes fizeram fogo sobre os animaes, ferindo 19 espectadores, entre elles o Marquez de Pidal, vice-presidente do Senado, e um engenheiro francez que vierá da proposito assistir ao espectáculo sensacional, mas barbaro e indigno d'estes tempos.



COLONIAS PORTUGUEZAS—A BEIRA (Continuado de n.º 38)

A região do Macequece é riquíssima. Fazem-se explorações constantes nas minas de ouro que tem chamado a grande numero de braços, de intellectiva e emigras caplaes que dão excellentes juros. Tudo isto contribue para o desenvolvimento da cidade que em poucos annos se tornou uma verdadeira capital. Os seus edificios são de primeira ordem e os seus estabelecimentos, onde se faz um commercio importante, mareo do bellissimo porto, um dos melhores d'África, são luxuosos.

RUA DO CONSELHEIRO CASTILHO—RUA DO CONSELHEIRO ENNES—PRAÇA DO CONSELHEIRO ALMEIDA—OBSERVATORIO METEOROLOGICO—RUA DO CONSELHEIRO CASTILHO

e de grandes proporções. Na Alfandega ha um movimento constante de mercadorias, e trafego é successivo e grande numero de estrangeiros se tem estabelecido na cidade, onde com a sua força de vontade e energias se collocou ao lado dos negociantes portuguezes all residentes desde o começo da cidade.

Os caminhos de ferro voem atalhados de mercadorias da bella região de Mautica e, juntamente a tudo isto um excellentissimo clima, a Beira é na Africa uma das melho-

res partes das colonias portuguezas e a mais susceptivel de augmentos consideraveis.

As cidades vizinhas desenvolveam-se tambem em virtude de enorme commercio regional e d'este modo temos dentro em pouco em Moçambique uma provincia riquissima e modelar.



PARA «CAFÉ» É INTERIORE—MAS É MUITO BOM «CHÁ»

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

No Egypto ha templos que zombam do tempo destruidor e sorriem com desdém dos nossos apregoados pequenos prodígios de architectura; esse antigo país conheceu tudo o que nós conhecemos agora, talvez, e ainda mais; pisa a larga estrada da civilização ao pardo alvorcor da criação, seculos e seculos antes do nascermos; deixou o cunho do espirito elevado e culto na eterna frente da esphinge para confundir todos os pragueiros, os quaes, quando todos os testemunhos tivessem desaparecido, podiam buscar convencer o mundo de que o Imperial Egypto, nos tempos da sua alta fama, tinha cahido em trevas.

XXVIII

De regresso a patria — Um livro de apontamentos desmoralizado — O Diário de um rapaz — Simples menção da velha Hespanha.

Estavamos agora no mar para uma viagem muito longa — tinhamos de atravessar toda a extensão do Levante, todo o Mediterraneo — e depois o Atlantico em toda a sua largura — uma viagem de muitas semanas. Adoptámos um modo de vida muito sosegado, partindo pela vida domestica, e resolvimos ser gente tranquilla, exemplar, não bulir mais durante vinte ou trinta dias — apenas da pópa á proa do navio. Era, com effeito, um programma muito confortavel, porque estavamos fatigados e precisavamos de longo repouso.

Todos estavamos molles e satisfeitos, como o provam as magras notas do meu livro de apontamentos (esse indice seguro, para mim, do meu estado). Que coisa estúpida vem a ser sempre um livro de apontamentos no mar. Ora, observae o estylo:

«Domingo — Officio divino, como de costume, ao signal de quatro badaladas. A' noite tambem. Não houve jogo de cartas.

«Segunda-feira — Lindo dia, mas cahiu muita chuva.

As rezas compradas em Alexandria, para abastecimento da mesa, tiveram de ser mortidas em grades, e tambem engorçadas. A agua faz poucas fundas nas suas depressões deanteiras, abaixo dos hombros. Aqui e ali tambem se vêem delgadas. Foi bom não serem vacas, pois fleariam n'uma sopa, o que estragaria o leite. A pobre agua da Syria apresenta um aspecto miseravel pingando com a chuva, empoleirada no cabrestante da proa. Parece ter opinião formada sobre as viagens por mar, e se se tratasse de a traduzir em linguagem, e esta fesse solidificada, poria um dique provavelmente ao maior rio do mundo.

«Tercia-feira — Nas proximidades da ilha de Malta. Não se pode tocar lá. Cholera. Tempo assaz tempestuoso. Muitos passageiros enojados e recolhidos.

«Quarta-feira — Tempo ainda mais ruim. A tempestade arrojou para o mar duas aves da terra, que vieram parar a bordo. Um açor foi tambem impellido. Deu umas poucas de voltas em torno do navio, precisando pensar, mas sem modo das passagens. Contudo, saltaoão fraco que se viu na necessidade de parar no do morrer. Pousou muitas vezes no tope do traqueio e foi outras tantas sacudido de lá pelo vento. Por fim Harry apunhou-o. Vá-se o mar cheio de peixes voadores. Levantam-se em cardumes do trezentos, e por sobre as cristas das ondas percorrem uma distancia de trezentos pés. Depois caem e desaparecem.

«Quinta-feira — Ancorados no porto de Argel, Africa. Bella cidade, bella paisagem de um monte coberto de verdura, por detraz d'ella. Demora de dia e meio, e partimos. Não nos foi permitido desembarcar, não obstante apresentarmos carta limpa. Tiveram receio da peste do Egypto e da cholera.

«Sexta-feira — De manhã, dominó. A' tarde, dominó. A' noitinha, passar pelo convex. Depois, charalás.

«Sabbado — De manhã, dominó. A' tarde, dominó. A' noitinha passar pelo convex. Depois dominó.

«Domingo — Officio divino, quatro badaladas. Officio divino, a noitinha, cinco badaladas. Monotonia até á meia noite. Depois d'isso, dominó.

«Segunda-feira — De manhã, dominó. A' tarde, dominó. A' noitinha, passar pelo convex. Depois, charadas e uma conferencia pelo dr. C. Dominó.

«Sem data — Fundeados deante da pittoresca cidade de Cagliari, Sardenha. Demora até á meia noite, não nos permitindo desembarcar essa gente timorada. Choram mal — não se lavam — não osam affrontar a cholera.

«Quinta-feira — Ancorados dofronto da bella cidade episcopal de Malaga, na Hespanha. Lidá á terra no escaler do capitão — mas não nos deixaram desembarcar. Quarantena. Recebida a bordo a correspondencia — jornaes, na qual pegaram com tonazes, e molharam em agua do mar, erivaram de buracos, e fumigaram depois com ruins vapores até ter o cheiro de um hospital. Tirámos informações sobre o rompimento do bloqueio para ver a Alhambra em Granada. Perigosissimo — eram capazes de nos sufocar. Fizemo-nos ao largo — pelo meio da tarde.

«E assim por deante, assim por deante, sempre assim por deante, durante muitos dias. Finalmente, lançámos ferro em Gibraltar, que tem já um aspecto da patria.

Faz-me isto lembrar do Diário que principiei em um dia de Anno Bom, uma vez, quando era pequeno, proza confiante e voluntaria d'esses plans impossiveis de reforma que as bom intencionadas velhas almas e avós apresentam ás desdenhadas creanças n'essa quadra do anno — falando desmedidas tarafas para ellas, que infallivelmente enfraquecem a força de vontade do rapaz, diminuem a confiança em si, e prejudicam as suas probabilidades do triumphar na vida. Ora examine este excerpto:

«Segunda-feira — Levantei-me, lavei-me, e fui-me deitar.

«Terça-feira—Levantei-me, lavei-me, e fui-me deitar.
 «Quarta-feira—Levantei-me, lavei-me, e fui-me deitar.
 «Quinta-feira—Levantei-me, lavei-me, e fui-me deitar.
 «Sexta-feira—Levantei-me, lavei-me, e fui-me deitar.
 «Sexta-feira seguinte—Levantei-me, lavei-me, e fui-me deitar.
 «Quinze dias depois—Levantei-me, lavei-me, e fui-me deitar.
 «No mez seguinte—Levantei-me, lavei-me, e fui-me deitar.

Parei, então, desanimado. Acontecimentos de grande sensação pareciam ser raríssimos na minha carreira para tornarem necessário um *diário*. Contudo, ainda penso com orgulho que até n'essa tonta idade eu lavava o rosto, logo que me erguia da cama. Aquelle *diário* deu cabo de mim. Nunca mais tive alma para começar mais nenhum. A falta de confiança em mim n'esse sentido foi permanente.

O navio teve demora de uma semana ou mais em Gibraltar para metter carvão para a viagem de regresso á patria.

Seria muito fastidioso estacionar ahí, e por isso quatro dos nossos rompemos o bloqueio da quarentena, e passámos sete dias deliciosos em Sevilha, Cordova, Cadix, e em passeio pelo aprazível scenario rural da Andaluzia, o jardim da villa Hespanha. Os successos d'essa alegre semana foram excessivamente variados e numerosos para um breve capítulo, e não tenho espaço para um extenso. Por consequencia, fica tudo no tinheiro.

XXIX

Partida de Cadiz—Censura mercada—A bella Madeira—Intelecto—Nas deliciosas Bermudas—Boas vindas legaes—Adieu aos nossos amigos bermdenses—Arranjar as bahas para a volta—O nosso primeiro accidente—A longa excursão aproxima-se do fim—Na patria—Amen.

Batiam dez ou onze horas, quando, numa manhã, desciámos para o almoço em Cadiz. Disseram-nos que o navio eslava ancorado no porto, havia já duas ou tres horas. Era tempo de nos mexermos, porque em razão da quarentena o navio não podia ter muita demora. Chegámos cedo a bordo, e, decorrida uma hora, a branca cidade e as formosas praias da Hespanha tinham-se sumido detraz das ondas e da nossa vista.

Havia já muito tempo que n'um ruídooso *meeting* publico na primeira camara se havia deliberado que não poderíamos ir a Lisboa, pois lá, com toda a certeza, teríamos de fazer quarentena. Tudo fizemos, por esse meio, desde escambar um império por outro no programma da viagem, até nos queixarmos da cozinha e da falta de guardanapos. Agora me lembro de uma d'essas queixas contra a cozinha feita por um passageiro. O café tinha-se rapidamente tornado cada vez mais detestavel no espaço de tres semanas, até por fim deixar de ser absolutamente café, e não ser mais que simples agua tinta—foi isto o que essa pessoa disse, afirmando ser tão fraco que era transparente a uma pollegada de profundidade do bordo da chavena. Ora, uma vez, que elle ia para a mesa, viu a orla transparente—pelo dom da sua visão extraordinaria—muito antes de chegar ao seu lugar. Voltou atraz e queixou-se em altas vozes ao capitão Duncan. Disse que o café não prestava. O capitão mostrou o que tinha na sua chavena, e parecia razoavel. O incipiente amotinador mostrou-se mais offendido do que nunca pela parcialidade demonstrada a favor da mesa do capitão, em prejuizo das outras mesas de bordo. Saliu de ao pé d'elle, agarrou na sua chavena, e, collocando-a triumphalmente, disse:

—Prove essa mixórdia, capitão.
 Duncan tomou-lhe o aroma—provou—sorrisse benignamente, e respondeu:

—Para café é inferior—mas é muito bom chá.
 O desordeiro, confundido, choirou, provou, e voltou para o seu lugar. Fizera o papel de um grande burro deante de todos. Não tornou mais. Depois d'isso acceitou o que lhe davam. Essa pessoa fui eu.

Voltára o antigo modo de viver a bordo, agora que já se não via terra. Durante dias e dias continuou tudo o mesmo, sendo um dia exactamente semelhante ao outro, e, para mim, todos agradaveis. Por fim, lançámos ferro na bahia aberta do Funchal na bella ilha da Madeira.

Era um encanto vêr as montanhas cobertas de verdura, listradas de lava, salpicadas de alvos casares, cortadas de profundos fendas purpúreas, e os grandes dolivens alastrados de sol, e mosqueados de sombras—um quadro soberbo coroado de picos altaneiros, que as franjas das nuvens varriam.

Mas não pudemos desembarcar. Estivemos o dia inteiro em contemplação, amaldiçoámos o homem que inventou as quarentenas, celebrámos meia dúzia de *meetings*, eheios de estrados discursos, de moções que morriam á nascença, de emendas sem resultado nenhum, e de resoluções que expiravam ao tentarem os primeiros passos. A noite partimos.

Tivemos por semana quatro *meetings*—parecíamos sempre occupados n'esse mister, e, contudo, tantas vezes improficamente que, sempre que com largos intervallos nos víamos desembarçados de uma resolução, era isso motivo para regosijo publico, ícavamos a bandeira e davamos uma salva.

Passaram dias—e noites; senão quando, se levanta-



PATRO DOS PAVOES EM ALHAMBRA, GRANADA

ram do mar as bellas Bermudas, entrámos no sinuoso canal, navegámos entre as formosas e videntes ilhas, repousámos finalmente á sombra da bandeira de Inglaterra, e fomos bem recebidos. Não oramos ali um momento, pois que a civilisação e a intelligencia substituíam a superstição hespanhoa e italiana, a immundície e o terror da cholera. Poucos dias entre os frescos bosques, os jardins floridos, as grutas de coral, e as amovaveis perspectivas da agua azul que appareciam e desappareciam por entre os matagais de brilhante folhagem, restituíram-nos a energia quebrantada pela longa somnolencia sobre o oceano, e dispuzeram-nos bem para a nossa final digressão—a nossa pequena viagem de cem milhas para Nova York—a America—a PATRIA.

Dissemos adeus aos «nossos amigos bermdenses», como dizia o nosso programma—a maioria d'aquelles que tratámos mais de perto eram negros—e saudámos o grande abismo novamente. Conhecemos mais gente negra do que branca, porque tivemos do fazer uma grande lavagem, mas adquirimos alguns excellentes

amigos entre os brancos, cuja aprazível recordação será um prazer reter na memoria.

(Continúa.)

FOLHETIM N.º 30

O GRANDE CAGLIOSTRO

Brevemente começara a *Illustração Portugueza* a publicar o romance *O Grande Cagliostro*, escripto expressamente pelo illustre romancista Carlos Malheiro Dias para ser inserto n'esta publicação.

O Grande Cagliostro é um romance baseado na vida do celebre feticheiro que tanto brado deu no mundo e esteve em Portugal sob o nome de José Balsamo. Primoroso na forma e soberbo de entreecho, é mais uma corça de gloria a juntar nos anteriores triumphos do conhecido auctor do *Filho das Heras* e de *Maria do Ceu*.



D. JOÃO DE CASTRO

É o autor da *Redempção*, romance ultimamente publicado. Tem uma forma de escrever simples e elegante e que se tem aperfeiçoado necessariamente desde as páginas dos *Milhões* até às do volume ha pouco sahido do prelo. É na moderna pleiade em consagração e a sua obra ha de sem duvida vir a occupar um bello lugar na historia litteraria do nosso tempo.



DR. ARTHUR LOPES DE SEQUEIRA

Vale do 'estrangeiro onde se dedicou ao estudo das doutrinas de boera, paraguai eira etc, tendo por mestres em Paris Loubet Barbon, Martin e Costex, em Berlim os d'rs. Kausc e Klack, em Viena d'Áustria Hajek e Kroschur. Houve os seus mestros a nossa compatriota, que é um dos nomes mais distinctos da sua geração.



UMA TRAVESSIA DO AZERRE



O CONVENTO DE GRÃO (ESPINHO)

Data do anno de 1912 no reinado d'Orleães. Foi fundado por dois irmãos d'uma quinta que D. Nuno Soares Velho lhes doou. Ali moravam grande a D. Ana e bom depresso se lhes reuniram outros clarejos que no anno de 1922 começaram a edificar o convento no dito local que se chamava o *Princípio*.

CHRONICA ELEGANTE



FIGURA 1

O sport, coisa outrora inteiramente desconhecida, sobretudo para o sexo fragil, é actualmente um dos principaes atractivos da vida elegante, da vida ao ar livre, e um dos mais importantes elementos sobre o qual os hygienistas basseiam o fortalecimento da raça actual. Não entra n'um tolo da nossa despretenciosa chronica apreciar as vantagens ou inconvenientes physicas que d'aqui possam advir; falamos apenas no assumpto sob o ponto de vista da vida moderna ultra chic e das modas adaptadas aos diversos exercicios sportivos.

As americanas tem o record do sport feminino, mas o exemplo tem passado no velho continente e hoje em dia as luctuosas estylos dedicando tambem com voracidade furor a toda a sorte de aventuras, como expedições polares, viagens nos desertos gelados ou torridos, caçadas perigosas, viagens em *yachts*, etc., etc.

Uma casa de modas parisiense apresentou ul-



FIGURA 2

tivamente uma collecção de trajes destinados a uma expedição polar ao Klondycke. Os fatos eram de panno preto, azul, lountra, ou cinzento escuro, saia e corpo, bolero ou jaqueta inteiramente forrados de pelle de cabra ou de rena. Barrete ou gorro de pelles tapando as orelhas. Com estes forros cada traje valia cerca de 500 francos, mas substituído-os por lountra ou martha chegavam ao custo de 6500 francos.

Para expedições nos paizes quentes impõe-se naturalmente o traje fresco, de preferencia em linho. Saia curta sempre, corpo, jaqueta ou bolero no genero *tallieur*; chapéu de palha Panamá, boina de palhinha, crua ou linho com o cobrenuca em linho ou seda crua. O traje amazona adoptado na Africa é da mesma forma que o de panno, mas feito em linho, chapéu Panamá e boia de couro amarello. Para andar em camello, usa-se a calça curta e blusa apertada com cinto de couro; adopta-se o cotim, o tecido kaki, fio querido dos boers.

O vestuario de *yachting* inspira-se no genero *tallieur*, geralmente em panno *Albion* azul ou branco, jaqueta, bolero ou blusa sem gola e com grande collarinho á marraja; botões de fantasia, emblemas bordados a ouro, prata ou cores diversas; boina branca e azul, ou vermelha, ou então bonet de pala envernizada de guarnecido de galão e emblemas diversos. Continuaremos a descripção de diversos trajes do sport e jogos.

FIG. 1—Costume *rasser*, para sport e gymnastica, em lountra ou linho.

FIG. 2—Chapéu de sport em seda crua, linho, ou *canevas* ou palha fina.

FIG. 3—*Toulette* de passeio em *flanelle* e *crêpe* com galões de seda azul e branca. Chapéu de palha *melange* azul e branco com rosas chá.



FIGURA 3